

Microanálise Social

Prof^o Claudio Marcio Coelho – Mestrando do PPGHIS / UFES – 2005.

No livro *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (1998), organizado por Jacques Revel, encontramos um capítulo preparado por Paul-André Rosental sobre *Fredrik Barth e a micro-historia*. Neste capítulo, Rosental analisa como as proposições teóricas e metodológicas de Barth influenciaram os micro-historiadores italianos. Sua análise revela (com propriedade) a tarefa do pesquisador. Para Rosental, o pesquisador precisa:

- a) Recuperar a gama das formas a serem explicadas e reunir observações colhidas para chegar ao objetivo final da análise social;
- b) Reunir a diversidade das observações a uma série concentrada de mecanismos que as engendram;
- c) Conferir o mesmo peso lógico *a priori* a todas as formas, qualquer que seja a freqüência dos fenômenos pesquisados;
- d) Desconfiar de todo e qualquer pré-recorte na análise, isto é, de uma categorização *a priori* do mundo: as tipologias sobre a realidade social;
- e) Desconfiar dos grandes esquemas abstratos de explicação histórica e social;
- f) Recusar a explicação mecânica dos comportamentos, ou seja, de uma causalidade mecanicista da ação social;
- g) Examinar as escolhas efetuadas pelos atores sociais, e relacionar estas escolhas às configurações particulares que estão inseridos para identificar os recursos e obrigações que pensam sobre eles. Ao estabelecer esta relação o pesquisador descobrirá os parâmetros que levam os atores sociais à tomada de decisões;
- h) Revelar os modelos generativos para identificar os processos sociais. Este procedimento deve conduzir o pesquisador à superação da simples descrição de formas sociais. Para tal, o pesquisador deve elaborar um conteúdo preciso e contingente sobre as regras estratégicas abstratas que derivam da teoria dos jogos, e dar conta das causalidades empíricas que surgem na microanálise.

A micro-história recusa a dimensão demasiado estática, e os esquemas lineares mecânicos e abstratos da explicação sobre as transformações sociais. Por isso, o mundo social não pode ser pensado como um todo homogêneo e coerente, pois o universo dos

valores dos atores sociais nunca está perfeitamente integrado. Alguns valores são irreduzíveis uns aos outros, e não podem ser medidos com os mesmos parâmetros. Esta “integração sempre imperfeita confere potencialmente a todo sistema social uma dimensão processual e dinâmica” (Rosental, 1998: 168).

Os micro-historiadores italianos preferem o estudo dos mecanismos concretos de mudança. A análise da mudança social sob a perspectiva microscópica está ligada à importância que conferem à diversidade (diversidade dos valores, das posições individuais, da ação social). A vida social não é um todo coerente, pois é feita de diferenciais. Cada uma destas diferenças oferece possibilidades de mudança. São elas que permitem que uma inovação (inicialmente insignificante e pouco difundida) se generalize e, ao final, se institucionalize. “É por meio desse mecanismo essencial que se opera a passagem do microscópico ao macroscópico, ou mais exatamente a construção constante deste por aquele” (Rosental, 1998: 169).

Referência:

REVEL, Jacques (Org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.